



**DOCUMENTO FINAL
DA ETAPA
CONTINENTAL EM
ÁFRICA E MADAGÁSCAR**

“Vim aqui para vos encorajar a levar a sério este processo sinodal e para vos dizer que o Espírito Santo precisa de vós. E isto é verdade: o Espírito Santo precisa de nós. Escutai-o escutando-vos. Não deixeis ninguém de fora ou para trás.”

(Papa Francisco)

1. Introdução

De 9 a 10 de Outubro de 2021, o Santo Padre o Papa Francisco lançou oficialmente o Sínodo sobre a Sinodalidade e no dia 17 do mesmo mês a iniciativa foi lançada em todas as dioceses do mundo. Esta primeira fase do Sínodo foi vivida nas Igrejas locais. Isto envolveu consultas, seminários e atividades de sensibilização aos vários níveis das dioceses. Diferentes organismos e grupos religiosos das Igrejas locais foram organizados para expressar os seus pontos de vista sobre a nova iniciativa. Os resultados destas consultas foram reunidos por cada diocese e foram ainda recolhidos a nível nacional. As conferências episcopais nacionais produziram finalmente as sínteses nacionais da experiência vivida da sinodalidade que contém as expectativas do povo de Deus relativamente à iniciativa da sinodalidade. Estas sínteses foram enviadas para a Secretaria Geral do Sínodo em Roma.

Em Setembro de 2022, os Secretários Gerais das conferências episcopais regionais em África submeteram as sínteses das contribuições das conferências episcopais nacionais das suas regiões ao Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagáscar (SCEAM). A partir destas, SCEAM produziu um documento que recapitula as expectativas de todas as regiões de África.

Tendo passado pelas sínteses das conferências episcopais de todos os países do mundo, a Secretaria Geral de Sínodo produziu uma síntese universal a partir do que foi recebido das Igrejas locais chamada “Documento de Trabalho para a Fase Continental” (DTFC). De 5-9 de Dezembro de 2022, e de 22-26 de Janeiro de 2023, SCEAM reuniu os membros da Equipa Continental para o Sínodo sobre a Sinodalidade, nomeadamente: Secretários-Gerais das Conferências Episcopais Regionais, membros da Iniciativa Africana da Sinodalidade, teólogos, religiosos e alguns fiéis leigos, com 28 e 20 pessoas respetivamente, para receber o Documento de Trabalho para a Fase Continental e para se familiarizarem com a prática do método de conversação espiritual para a assembleia continental.

A fase final da celebração continental do Sínodo sobre a Sinodalidade teve lugar em Addis Abeba, na Etiópia, de 1 a 6 de Março de 2023. Este evento reuniu cerca de 209 pessoas, uma assembleia eclesial constituída por cardeais, arcebispos, bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis leigos, sendo os fiéis leigos em maior número. Foi uma ocasião de escuta inclusiva onde, utilizando o método da conversação espiritual, todos tiveram a oportunidade de expressar os seus pontos de vista sobre a sinodalidade, guiados pelo Documento para a Fase Continental. Durante cinco dias, a Igreja-Família de Deus em África, através dos representantes continentais, rezou, ouviu e refletiu sobre a nova forma de ser Igreja hoje, ou seja, a forma sinodal. Foi uma jornada espiritual-sinodal da Igreja-Família de Deus em África; uma oportunidade de praticar a sinodalidade na realidade. No final da sessão, a assembleia analisou o documento final e adotou-o oficialmente como o documento sinodal da Igreja em África.

No espírito de colegialidade, todos os cardeais e bispos reuniram-se num

outro encontro, no último dia da assembleia, para avaliar todo o processo sinodal. Manifestaram satisfação pelo processo, especialmente pelo espírito de família que prevaleceu durante toda a assembleia. Examinaram igualmente o documento final e adotaram-no por unanimidade como documento final da Assembleia Sinodal Continental Africana.

Estas reuniões tornaram-se a base para a elaboração do presente documento que teve em consideração todas as principais ideias levantadas durante as discussões.

Na abertura da primeira sessão de trabalho em Acra, o objetivo da sessão foi apresentado como segue:

- Para nos conhecermos melhor, e experimentarmos a sinodalidade de uma forma concreta.
- Entrar em comunhão com a Igreja universal no processo de oração mais profunda, de escuta e de discernimento para ouvir o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja.
- Escutar o que o povo de África disse durante o primeira fase do sínodo.
- Reler o Documento para a Fase Continental no contexto da Igreja em África.

O método utilizado no trabalho foi o da conversação espiritual. O método não era familiar para a maioria dos participantes, por isso, houve um tempo de aprendizagem para os participantes.

Tendo aprendido o método, os participantes praticaram-no durante os restantes dias da sessão de trabalho. A sessão da noite do primeiro dia foi dedicada aos aspetos práticos do método. Cinco grupos foram constituídos e convidados a dar as suas “impressões pessoais a partir dos resumos e sínteses regionais”: O que é que o povo de Deus de toda a Igreja em África disse no primeiro ano do sínodo”? A sessão terminou com os relatórios dos vários grupos sobre o resultado da sua reflexão sobre a questão.

O segundo dia da sessão foi dedicado ao estudo do Documento para a Fase Continental. Isto foi feito com duas apresentações sobre os principais contornos e lógica do documento. Após a exposição, os participantes tiveram tempo para rezar, refletir e estudar o documento individualmente. A sessão noturna foi então dedicada ao estudo em grupo do documento focalizado em:

- Intuições que ressoam mais fortemente com as experiências e realidades vividas pela Igreja no continente africano.
- Perguntas ou questões que devem ser abordadas e consideradas na próxima etapa do processo.
- Prioridades, temas recorrentes e apelos à ação que podem ser partilhados com outras Igrejas locais de todo o mundo e que devem ser discutidos durante a primeira sessão da Assembleia Sinodal em Outubro de 2023.

No final da primeira sessão de trabalho, em Dezembro de 2022, cada participante foi convidado a praticar o que foi aprendido, especialmente o uso do método de conversação espiritual, com as pessoas da sua comunidade de fé ou conferência regional, conforme o caso. Esta era uma forma de renovar a escuta das pessoas na base e uma forma de dominar o método que iria ser usado no evento continental em Março de 2023.

A sessão de trabalho em Acra foi seguida por outra em Nairobi, Quênia, de 23-25 de Janeiro de 2023. O objetivo era continuar a aprofundar o conhecimento do Documento para a Etapa Continental e formar membros da equipa de trabalho para ajudar a facilitar a planeada assembleia continental que se realizaria em Addis Abeba de 1 a 6 de Março de 2023.

A sessão de trabalho de Nairobi foi uma oportunidade para os membros da equipa partilharem as suas experiências relativamente à utilização do método de conversação espiritual no estudo do Documento para a Fase Continental com as suas várias comunidades após a sessão de Acra. A partilha das experiências mostrou algumas dificuldades que poderiam ocorrer ao ouvir os outros no espírito da sinodalidade. Estas dificuldades foram assim partilhadas:

- Ouvir o outro não foi fácil, pois a maioria das pessoas queria que a sua posição fosse tida em conta.
- Algumas pessoas não ficaram contentes por não terem sido consultadas na fase inicial do processo e só terem sido convidadas na fase continental.
- Houve uma espécie de reticência por parte de algumas pessoas que sentiram que, tendo trabalhado na fase diocesana, não deveriam retomar o mesmo trabalho.
- O tempo foi demasiado curto para chegar às pessoas certas para aprofundar a compreensão do documento e obter o resultado desejado.
- Foi difícil aplicar o método da conversação espiritual num texto grande como o Documento para a Fase Continental.
- Havia dificuldade em encontrar-se fisicamente com as pessoas e os meios alternativos, que era o das telecomunicações, foi impraticável devido à insuficiência de recursos.
- Aqueles que não estavam numa posição oficial na Igreja tiveram dificuldade em reunir pessoas para estudar o Documento para a Etapa Continental utilizando o método de conversação espiritual, porque as pessoas ouvem mais os que têm autoridade na Igreja, do que os que não a têm.

A experiência geral dos participantes foi que as pessoas estavam ansiosas por participar na vida da Igreja e que o Sínodo sobre a Sinodalidade despertou um novo desejo de uma Igreja aberta às reflexões, preocupações e sentimentos de cada membro. Estavam prontos a contribuir e queriam ter a certeza de que as suas expectativas dariam frutos duradouros, trazendo mudanças duradouras na vida da Igreja e das suas instituições.

As duas experiências anteriores de Acra e Nairobi formaram a base para o evento de Addis Abeba que envolveu representantes de todos os países de África e Madagáscar. O grupo utilizou o mesmo método de oração, silêncio e conversação espiritual. Trabalharam em plenários e em pequenos grupos e puderam discernir as prioridades sinodais para a Igreja em África.

A escolha de Adis Abeba como sede da assembleia continental foi influenciada por uma série de fatores: é a sede da União Africana (UA), um organismo que une todos os países de África; é um país que tem as três religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo; é um país marcado por uma cultura acolhedora.

2. Experiência Sinodal na Fase Continental

O encontro como uma experiência concreta de sinodalidade por parte dos africanos, trabalhando e caminhando juntos durante cinco dias, ajudou-nos a tomar consciência de algumas intuições que geralmente ressoam de um país para o outro e levantaram algumas questões pertinentes relativas à sinodalidade.

2.1. Intuições

A nossa oração e reflexão sobre o Documento para a Fase Continental deu origem às seguintes intuições do nosso contexto africano:

- 1. A Igreja em África tem vivido a sinodalidade desde a época do Concílio Vaticano II.** O fruto disto é concreto na formação do SCEAM e outras conferências episcopais regionais durante e imediatamente após o Concílio. Alguns documentos importantes da e sobre a Igreja Africana são também frutos da sinodalidade. Incluem *Ecclesia in Africa* (1995), *Africae Munus* (2011) e o *Documento de Kampala* (2019). As Pequenas Comunidades Cristãs são os frutos da sinodalidade na base, onde as pessoas vivem e agem em conjunto, buscando responder às preocupações comuns como pessoas norteadas pela sua fé.
- 2. A imagem da tenda como a imagem principal para a sinodalidade “alargar o espaço da sua tenda” (Is. 54:2) foi fortemente contestada por muitos, que associam a imagem com situações de guerra, deslocação e refugiados.** A assembleia preferiu a imagem da Igreja Família de Deus onde cada um tem o seu lugar e as suas responsabilidades de acordo com “valores familiares” (embora não haja homogeneidade sobre o que este último inclui em todos os países).
- 3. A escuta é uma atitude do sínodo e a Igreja deve ser uma Igreja escuta se quiser continuar a ser sinodal. Contudo, as realidades escutadas nem sempre são as mesmas: família, Igreja, questões nacionais, problemas sociais, problemas espirituais, etc., variam frequentemente em interpretação ou importância social.** A escuta ajuda a levar a cura àqueles que são feridos. A escuta convida-nos a

uma outra forma de celebrar a nossa liturgia de uma maneira culturalmente autêntica. A aplicação da cultura de ouvir a celebração litúrgica ajudará a colocar o povo na vanguarda, a reforçar a sua participação activa e a torná-lo mais actor do que espectador. A Igreja ouve todos, mas a escuta perturba de tal forma que a Igreja fica por vezes tão sobrecarregada que algumas pessoas têm o sentimento de não serem escutadas, ou pelo menos pensam eu esta é selectiva em sua forma de escutar. Muitos gostariam que a Igreja ouvisse todos e trouxesse soluções para todos os problemas da sociedade, confundindo assim o papel da Igreja com o do Estado e do governo.

Ouvir não é apenas ouvir as pessoas. Implica ouvir a cultura local com a dinâmica da co-responsabilidade e com a consciência de que a cultura é dinâmica e em constante evolução. A Igreja em África é fruto dos esforços dos missionários ocidentais. A Igreja veio com uma cultura para outra cultura. A sinodalidade deve ajudar a ouvir as práticas culturais que foram ignoradas, condenadas ou suprimidas pela cultura ocidental através da qual o Evangelho foi pregado aos africanos. Estas práticas culturais, algumas profundamente influenciadas e alteradas pelas influências culturais ocidentais e cristãs, continuam a afectar a forma como os cristãos vivem o Evangelho. Devem, portanto, ser ouvidas com vista à sua integração, purificação ou rejeição colectiva, com base numa compreensão clara das exigências do Evangelho.

4. A necessidade da participação de mulheres, jovens e portadores de deficiência na vida da Igreja é outra intuição que sobressai fortemente no documento.

As mulheres formam uma maior percentagem de membros activos da Igreja. Elas dão uma contribuição significativa para a vida da Igreja. Muitas delas sentem que não lhes é dado um lugar suficiente nas estruturas de tomada de decisões da Igreja. Há um apelo à criação de mais oportunidades e estruturas para que as mulheres façam mais na Igreja. Os jovens queixaram-se também de que gostariam de ser mais visíveis na vida da Igreja. Uma ideia que foi fortemente sentida foi a de uma opção preferencial para os jovens. Há um apelo para adaptar as atividades e celebração da Igreja a estilos que atraiam e mantenham a juventude na Igreja.

A necessidade de intensificar a participação das pessoas portadoras de deficiência na vida da Igreja também foi claramente evidenciada no documento. A Igreja deve precaver-se contra o caminho da sociedade que tende a pô-las de lado. São muitas vezes consideradas como não tendo muito a oferecer com base na falsa ideia de que as suas vidas valem menos do que as outras. Se a oportunidade apropriada for criada, podem sentir-se em casa na Igreja e podem contribuir para o progresso e crescimento da Igreja. Isto exige iniciativas, formações e estruturas especiais que os ajudem a ter um lugar de destaque na Igreja.

5. É evidente que existem forças mundanas que se opõem à missão da Igreja.

Tais forças incluem ideologias e políticas económicas ou políticas que são prejudiciais às doutrinas da fé. Algumas destas forças influenciam os líderes da Igreja e exercem pressão sobre os teólogos com a intenção de diluir o

conteúdo da fé. Há um apelo para que a Igreja sinodal esteja acordada para tais influências e permaneça centrada na Palavra de Deus e na firme tradição da Igreja.

6. **A sinodalidade chama a atenção de todos para a necessidade de coresponsabilidade** - tornando relevante aprender a caminhar juntos através da escuta, do discernimento e do diálogo. Muitos expressaram a opinião de que as decisões na Igreja são por vezes tomadas sem diálogo suficiente, mas a sinodalidade requer tomar todos como importantes e responsáveis. O reconhecimento do valor de todos numa comunidade cristã impõe a necessidade de tomar as suas opiniões em consideração para um discernimento e uma tomada de decisão adequados.

7. **A Igreja sinodal deve procurar equilibrar a abordagem das questões concretas da vida das pessoas com os aspectos espirituais.**

Esta ideia provém da experiência de algumas pessoas que acreditam que a Igreja parece concentrar-se mais nas suas necessidades espirituais do que nas necessidades materiais concretas. Tal como Jesus alimentou os famintos, a Igreja sinodal deveria aprender a equilibrar o seu cuidado entre as questões espirituais e os problemas materiais.

8. **Uma sensibilização sobre a sinodalidade ligada à evangelização:** da imagem da Igreja como Família de Deus onde devem ser feitos esforços para acomodar todos aqueles que o desejem e mesmo aqueles que estão deliberadamente de fora vem a intuição de que a inclusividade deve ser harmonizada com a conversão, uma vez que caminhar juntos em comunhão, participação e missão não pode ser divorciada da evangelização. A missão da Igreja de difundir o Evangelho de Cristo até aos confins da terra deve basear-se na necessidade de ajudar as pessoas a abandonar os seus velhos caminhos que não estão em conformidade com a Palavra de Deus e a abraçar a verdade do Evangelho.

9. **Há uma necessidade de abertura de todos os católicos à formação contínua.**

A compreensão da Igreja sinodal como uma Igreja que caminha juntamente com todos exige a formação do clero e dos leigos sobre esta nova consciência. Os pastores que lideram o povo de Deus devem ser os primeiros a imbuir a mentalidade sinodal e a aplicá-la na sua vida e ministério. Há uma necessidade urgente de programas educacionais e formativos para o clero e os fiéis leigos para iniciar a conversão necessária para imbuir a nova cultura de caminhar juntos como uma Igreja sinodal, especialmente a nível da Igreja local. Esta formação deve tocar na formação recebida nos seminários, para que os futuros pastores estejam preparados para abraçar a nova cultura de caminhar juntos e adquirir a capacidade de ouvir o Espírito de Deus e o povo.

10. **Alguns sentem que a Igreja sinodal deveria ser menos conservadora e ter a coragem de fazer um auto-exame sobre a forma como aceitou novas ideias.**

A nova cultura da Igreja sinodal exigiria muita abertura e uma atitude de aprendizagem por parte da Igreja, de modo a permanecer relevante no mundo. No entanto, alguns sentem que a Igreja não deve estar demasiado aberta a cada nova ideia, uma vez que algumas ideias são vistas como não sendo para o bem do mundo. Nesses casos, a Igreja deve mesmo ter coragem para ir contra

certas correntes de pensamento. Muito depende da percepção dos cristãos de novas forças sociais - algumas bem informadas, outras menos - e do grau em que tais ideias que desafiam as posições oficiais da Igreja podem ter pontos válidos devem ser discernidas de forma mais aberta e minuciosa.

11. **O cuidado e protecção de crianças e pessoas vulneráveis foi também invocado como um aspecto integral da missão da Igreja sinodal.**
12. **Abrir a família significa acomodar aqueles que se sentem marginalizados, por exemplo, pessoas em casamentos poligâmicos, divorciados e casados de novo, e pais solteiros.** Muitas pessoas expressaram o desejo de visitar a posição da Igreja sobre aqueles que se consideravam oficialmente marginalizados devido a situações familiares irregulares. Como é que a abertura da família se aplica a essas pessoas no espírito de sinodalidade que encoraja a Igreja a caminhar em conjunto com todos os crentes? E que disposições locais ignoramos?
13. **Sobre o clericalismo, há uma nova consciência de que o clericalismo está presente mesmo entre os leigos que dão crédito ou aceitam sem questionar, só o que o padre diz.** Na medida em que alguns padres poderiam ser acusados de serem fechados e autoritários, o clericalismo interiorizado dos leigos também é visto como promovendo tal cultura ao não desempenhar o seu papel adequado na Igreja e ao remeter aos padres o encargo de liderar, ensinar e tomar todas as decisões, sem a sua participação. Esta consideração é vista como uma outra forma de clericalismo.
14. **Há necessidade de aprofundar a reflexão sobre o n.º 35 do DCS sobre a juventude no que diz respeito ao verdadeiro acompanhamento e à necessidade de ajudar os jovens e estar perto deles no seu momento crucial para os ajudar a redescobrir o valor do casamento.** Dar mais atenção aos jovens na Igreja, proporcionando mais programas de formação para aprofundar a sua fé, dar-lhes voz e criar oportunidades (através de mudanças estruturais) que permitam aos jovens trazer ideias inovadoras para a Igreja de hoje. Sem atender às questões enfrentadas pelos jovens, não podemos caminhar juntos. As questões dos jovens vão para além da religião. Precisamos de reflectir sobre sistemas políticos e económicos contemporâneos como o novo capitalismo que conduzirá não só ao desemprego mas também ao despedimento (causado pela falta de empregos devido ao avanço tecnológico).
15. **Há uma necessidade de manter vivo o espírito sinodal na Igreja para além da assembleia continental em Adis Abeba.** Muitas questões que são locais para África surgiram nas discussões e tais problemas só podem ser tratados localmente. Com base nisto, há um apelo para que cada Igreja local continue a aprofundar a experiência da sinodalidade, a fim de desenvolver uma Igreja sinodal mais dinâmica que vá para além da assembleia sinodal continental.
16. **Dar mais atenção às questões culturais como nos nn 55 e 56 do DTFC e fazer esforços para superar a marginalização cultural dos grupos minoritários, especialmente os povos indígenas.** Há necessidade de reler a história dos povos indígenas e depois recuperar, promover e integrar as suas práticas culturais na liturgia. Trata-se de uma inculturação adequada que aumenta a diversidade, passando da multiculturalidade para a inter- culturalidade onde

práticas diferentes se complementam e enriquecem mutuamente.

17. **Aprofundar o estudo do nº 88ff do DCS sobre a liturgia, que parece mais teórica. Este processo poderia ajudar a torná-la mais prática e sensível às diferenças culturais.** A ênfase aqui deveria ser em conseguir que as pessoas participem mais activamente nas reuniões litúrgicas e comunitárias de oração. Isto exigirá um contacto profundo com as formas culturais de culto do povo. Há um apelo para tornar a liturgia mais contextual.
18. **Liturgicamente, a Igreja deveria encontrar uma maneira de fazer as coisas de forma diferente, para que aqueles que vêm às celebrações litúrgicas sintam que são realmente considerados e que lhes é dada uma oportunidade de se expressarem e participarem ativamente.**
19. **Unidade Africana: ser capaz de fazer perguntas e tentar resolver problemas apoiando nos na nossa capacidade de reflectir e alcançar o que precisamos por nós próprios.** Fazer uma avaliação profunda de todos os documentos, por exemplo, o Documento Kampala, para que não procuremos respostas fora de nós. Ao nível da solidariedade, somos fracos: um problema no Uganda deveria ser motivo de preocupação para a Argélia. Uma Igreja sinodal africana deveria ser capaz de unir os africanos.
20. **A necessidade de as autoridades eclesiásticas envolverem a liderança política da sociedade na defesa da boa governação e da justiça.** Isto deve ser visto como parte do mandato missionário de dar a conhecer Cristo ao mundo. Uma Igreja sinodal deve, portanto, ser uma Igreja em missão contínua em todas as dimensões da existência humana.

2.2. Perguntas ou questões

Um estudo cuidadoso do Documento para a Etapa Continental levanta uma série de questões e assuntos que precisam de ser esclarecidos. Estas incluem:

1. Qual o mecanismo que pomos em prática para atender ao respeito pelas diversas culturas?
2. Como é que a Igreja sinodal é mais empática e quais são os seus meios para promover a solidariedade concreta?
3. Existe uma tensão entre uma forte compreensão da verdade e o princípio da misericórdia (particularmente a acomodação com a diferença, opiniões minoritárias e dissidência), entre pertencer à Igreja e não viver como membro de pleno direito da Igreja, entre autonomia e co-responsabilidade. Como lidar com isso?
4. Para onde nos leva a sinodalidade quando ouvimos as vozes de diversas pessoas? Não estará isto a conduzir-nos à democracia? Assim, existe apenas uma linha ténue entre o diálogo, a escuta e a tomada de decisões e a regra da maioria.
5. Tudo o que temos levantado é importante. Como é que a Igreja local faria uso de todos os pontos que estão a ser levantados nas nossas discussões?
6. Na escuta dos outros, do Espírito Santo e da Palavra de Deus, quais são os critérios para o discernimento e julgamento?

3. Conclusão

Tendo ouvido outras Igrejas e a experiência dos africanos, consideramos que os oito pontos seguintes são prioridades recorrentes e urgentes sobre as quais é importante continuar o discernimento a nível da Igreja universal. Estes pontos estão directamente relacionados com a forma de viver o espírito sinodal de comunhão, participação e missão.

- 1. Para aprofundar a sinodalidade católica de acordo com os valores da Igreja como Família de Deus, alimentar a vida desde a concepção até à morte natural, com base na co-responsabilidade, hospitalidade bíblica (Ef. 2:19), dignidade das crianças, mulheres e homens, e chegar a toda a família humana e a toda a criação, desde as Pequenas Comunidades Cristãs até ao nível do Vaticano.**

A Igreja é construída sobre a Palavra de Deus, a Tradição e o Magistério. O estilo sinodal da Igreja deve ser fundado nas Tradições e ensinamentos da Igreja através dos quais a Igreja gerou valores que resistiram ao teste do tempo. A sinodalidade deve assentar nesses valores para poder ter uma base firme que possa levar a Igreja à desejada renovação, mesmo que nos apoiemos na Razão e na Experiência vivida por todos os fiéis.

- 2. As vozes e valores africanos devem ser tomados em consideração na elaboração das doutrinas e ensinamentos da Igreja, valores como a família, a solidariedade, a vida comunitária, o diálogo reverencial, a hospitalidade e a co-responsabilidade.**

Os africanos têm igual responsabilidade pelas doutrinas e ensinamentos da Igreja, em colaboração com outras Igrejas locais (Ef. 2:19). Por conseguinte, é primordial que as suas experiências e valores culturais em constante evolução sejam tidos em consideração e os seus problemas sejam sempre igualmente considerados. Isto irá ajudá-los a possuir os ensinamentos e a empenharem-se em vivê-los.

- 3. O empenho da Igreja, Família de Deus (Africae Munus, 1) na resolução de conflitos, na luta contra o colonialismo económico e a exploração ilegal dos recursos em África, e na promoção da boa governação, da justiça e da paz.**

A paz tornou-se tão frágil no nosso tempo que, por vezes, assegurar o fim dos conflitos é difícil, devido aos interesses instalados das potências intervenientes. Em tais situações, tornou-se necessário que a Igreja sinodal se envolva na defesa e negociação concreta da paz, especialmente entre nações e comunidades em guerra. A Igreja sinodal deveria fazer mais esforços para conceber mecanismos eficazes para um envolvimento activo na construção da paz a nível internacional e local à maneira de Cristo, o Príncipe da Paz (Is. 9:6).

A religião é igualmente uma causa de conflito em África. O desejo de promover a paz deve também levar a Igreja a promover o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. É necessário que a Igreja sinodal trabalhe em conjunto com outras comunidades de fé na promoção da paz e resolução de conflitos na construção do reino de Deus na terra.

É evidente que uma das principais causas de conflito em África é a atitude

manipuladora dos exploradores dos recursos naturais. A Igreja deve estar ao lado do povo e assegurar que não haja exploração sem o consentimento livre, prévio e informado da população.

A Igreja deve igualmente promover a boa governação nos países africanos, incluindo o acompanhamento pastoral dos fiéis empenhados na vida social, económica e política.

4. O processo de sinodalidade deve também envolver inculturação e renovação litúrgica, a fim de responder à aspiração, participação e crescimento global dos fiéis africanos.

A inculturação ajuda a que a fé se enraíze na vida e na prática do povo. A adoração em África é uma experiência integral que envolve toda a pessoa: mente, espírito e corpo. As actuais formas de celebrar a liturgia deixam por vezes muitos africanos insatisfeitos. Uma Igreja sinodal deveria ter em consideração a natureza dos africanos para ter uma liturgia mais participativa, de acordo com a autêntica teologia e doutrina litúrgica.

5. A sinodalidade é forma de ser Igreja e, portanto, a necessidade da formação como meio de fazer do modelo sinodal um modelo pastoral da vida e da prática da Igreja.

O novo entendimento sobre a Igreja sinodal levaria a uma nova forma de entender e exercer autoridade na Igreja como Jesus (Lc. 22,27). Este novo entendimento exigirá necessariamente a formação do clero, das pessoas consagradas e dos leigos na prática da liderança sinodal. Um provérbio africano diz que "as culturas devem ser cultivadas enquanto as ervas daninhas crescem por si mesmas". O modelo sinodal precisa de ser plantado na vida do povo de Deus. Cada grupo deve estar aberto à formação permanente na forma sinodal de ser Igreja, incluindo bispos, clero, mulheres e homens leigos, jovens e pessoas consagradas.

6. A sinodalidade deve reforçar a subsidiariedade a todos os níveis da vida da Igreja de modo a promover a inclusão, participação e comunhão de todos os membros, especialmente as mulheres, os jovens e as pessoas com deficiência.

O princípio da subsidiariedade ajuda cada grupo a contribuir autonomamente com a sua quota no desenvolvimento da sociedade e a lidar com os desafios pastorais locais. Isto deve aplicar-se às actividades da Igreja sinodal em todas as suas dimensões.

As mulheres constituem a maior percentagem de membros activos da Igreja. Elas continuam a dar uma enorme contribuição para a Igreja em África. Contudo, não existem estruturas suficientes para encorajar e reforçar a sua participação, especialmente nos processos e plataformas de tomada de decisão na Igreja. A Igreja em África deseja que, seguindo o princípio da subsidiariedade, os fóruns formais para a participação das mulheres na Igreja sejam reforçados.

O acima exposto também se aplica aos jovens que constituem a maior percentagem da população africana. Eles têm ideias criativas e desejam tomar iniciativas na Igreja e na sociedade. Muitas vezes não encontram espaço suficiente para exercer as suas iniciativas na Igreja. Em África, a maioria dos jovens é confrontada com a difícil decisão dos restantes cristãos face a muitas

opções concorrentes.

Para as pessoas com deficiência, há necessidade de lhes oferecer oportunidades de se sentirem em casa na Igreja. Isto exigirá a criação de estruturas que devem preocupar-se com elas ao mais alto nível da Igreja. A Igreja deve não só ouvir os desafios do povo, mas também, com base no princípio da subsidiariedade, encontrar formas de criar oportunidades para que elas contribuam para a vida da Igreja.

7. A família é uma estrutura importante na promoção da Igreja sinodal e exige um cuidado pastoral centrado no casamento e na família e nos desafios da África atual, especialmente situações de poligamia, pessoas divorciadas e casadas de novo, monoparentalidade e protecção dos filhos.

Em África somos confrontados com os desafios de casamentos desfeitos com base em práticas tradicionais que têm sido difíceis de transformar através de valores cristãos e outros factores socioeconómicos, incluindo a poligamia que ainda é imposta por algumas condições sociais nas sociedades africanas. O divórcio está também a tornar-se uma ocorrência comum. Existe igualmente a situação de monoparentalidade eletiva e circunstancial, viuvez e coabitação. Constatamos igualmente a necessidade de proteger as crianças de abusos. As pessoas envolvidas nestas situações continuam a querer continuar a praticar a fé católica. Há necessidade de desenvolver uma pastoral familiar evangelizadora e catequese que permita ajudá-los a viver a sua fé com confiança e alegria.

8. A Justiça ecológica e o cuidado pela criação devem tornar-se um modo de vida da Igreja sinodal.

As alterações climáticas são uma ameaça existencial para o mundo inteiro e a Igreja não está separada do mundo. A África suporta o peso da actual crise climática, embora seja a que menos contribui para ela. A Igreja deveria continuar a fazer mais para encontrar soluções e desenvolver estratégias inovadoras para responder a esta crise urgente como parte integrante da sua missão.

Para concluir, a sinodalidade, fundada no amor, inclusão e respeito por todos, particularmente aqueles que são marginalizados, gerou um novo dinamismo através do sínodo sobre a sinodalidade. Este dinamismo deve ser sustentado para que a sinodalidade se torne uma identidade cristã (Jo 13,35), uma forma de ser Igreja desde a base até ao mais alto nível. Isto só pode acontecer se todos se abrirem sinceramente ao evangelho e ao Espírito Santo que acendeu esta sinodalidade como uma nova forma de cristianismo no nosso tempo.

Adoptado por unanimidade pela Assembleia Sinodal Continental Africana, Addis Abeba, Etiópia, 05 de Março de 2023.

Adoptado por unanimidade pelos delegados bispos à Assembleia Sinodal Continental Africana, Addis Abeba, Etiópia, 06 de Março de 2023.